

MULTIMÍDIA

Discos, livro e vídeo sobre os índios Mehinaku, a mais antiga tribo do alto Xingu, serão lançados no Sesc da Vila Mariana, em São Paulo. Também haverá abertura de mostra de fotografias e ilustrações

Retratos de um povo

TT Catalão
Da equipe do **Correio**

Quando o Parque do Xingu foi criado, eles já viviam na região. Os Mehinaku recebem um estudo prolongado do fotógrafo Vito D'Alessio e do indigenista Paulo Pinagé faz muitas décadas. Parte do resultado desse encontro será apresentada a partir de hoje, no Sesc de Vila Mariana, em São Paulo. Uma exposição multimídia (aberta até 20 de maio) apresenta o cotidiano dessa etnia. São diversos produtos: além da exposição, haverá lançamento de dois discos, um vídeo (premiado pelo Festival Internacional de Anaconda) e um livro. Em maio, o *kit* estará disponível em Brasília.

O projeto teve o apoio da Amazon Rainforest Foundation Japan — ONG japonesa (por meio do trabalho da artista plástica Kenko Minami) que desde 1992 atua junto às comunidades indígenas do Brasil, sobretudo e diretamente na área dos Mehinaku.

Embora se mantenham isolados no Parque do Xingu, eles fizeram o primeiro contato com os brancos na expedição do etnólogo alemão Karl Von Steinen, em 1887. É um pequeno grupo, estimado em 120 índios, dos quais somente 5% já saíram da comunidade e apenas cinco têm noções da língua portuguesa.

Na abertura da mostra, cujo projeto cenográfico é de Luís Scarabel Júnior, os rios Kurisevu e Batovi estão caracterizados, no piso da praça de entrada, em formato de serpente (a exemplo de como são vistos em imagens aéreas). Grafismos indígenas criados pelo artista Kamalá Mehinaku compõem o desenho (alguns estão reproduzidos no livro do projeto). Sons naturais do cotidiano Mehinaku, como as conversas e gritos das crianças, canto dos pássaros ou afinação das flautas, são reproduzidos em canais independentes. Neste ambiente, será apresentado o vídeo *Mehinaku — Mensagem da Amazônia*.

O documentário de 30 minutos, realizado em parceria com a TV Cultura, flagra a tribo em descontraída convivência sem

abusar dos recursos visuais. Narrativa clara e boa fluência com depoimentos precisos. Ponto alto no transe de uma pajelança e a relação da tribo com a natureza (principalmente nos banhos e com a água, em si). A maioria da cultura é comum na região xinguana, com alguma diferença entre os Mehinaku, e o vídeo distingue bem a singularidade do povo. Prevalece o relato feminino em toda a obra: são as mulheres que praticamente conduzem o fio do encontro. Há um trecho no livro que demonstra bem a relação com a água: "Na água está a morada dos espíritos de Jakuí e Tamaramanã. Enquanto se banham, os homens batem na água provocando sons e asso-biam para mostrar às águas que estão contentes. Assim os espíritos não trazem doenças. As mulheres não batem na água, conversam e não se demoram."

O livro reúne os desenhos do mehinaku Kamalá, fotografias de D'Alessio e textos (traduzidos para o inglês) de Pinagé. São seis capítulos respectivamente divididos em: a pré-história do índio brasileiro, as expedições para o interior, o Parque Xingu, os Mehinaku, cerimônias, Doenças-Pajelanças-Feitiçarias.

Quando Vito D'Alessio realizava as pesquisas fotográficas e Renato Dutra as locações para o roteiro do vídeo surgiu a necessidade da documentação musical. O convidado foi Wilson Sá Brito, diretor musical, maestro e etnomusicólogo. O álbum duplo tem duas versões. Uma étnica e outra chamada (em inglês mesmo) *World/Music/Fusion*. Pela própria cultura do índio, a natureza não é algo ou coisa separada. Assim, o projeto é muito feliz em preservar a forma gravada na aldeia dos cantos e instrumentos no CD étnico e o outro com intervenções instrumentais de músicos convidados como: Nana Vasconcelos, Badi Assad, Toninho Carrasqueira (já fez um disco com crianças guaranis), Simone Soul, Juliano Beccari, Alfredo Bello, Caito Marcondes.

O maestro Sá Brito, na aldeia, teve de vivenciar longa intimidade com a tribo para que a parafernália tecnológica fosse logo

Reprodução



OS MEHINAKU, QUANDO SE BANHAM, FAZEM SONS COM A ÁGUA E ASSOBIAM PARA MOSTRAR QUE ESTÃO CONTENTES

assimilada e não impedisse o cotidiano natural das pessoas. "No primeiro contato, gravava o nome e as falas das pessoas e colocava o fone para que eles escutassem e satisfizessem a curiosidade", diz o maestro.

A música do povo Mehinaku faz parte da cultura do alto Xingu. Essas culturas têm músicas em comum (Kuarup e Yamuricumã são algumas das festas comuns nas comunidades do Xingu) e músicas próprias. Os principais instrumentos utilizados são as flautas: as normais e as flautas de Pan (pequenos canos ligados lateralmente), tocadas

em grupo e individualmente. Os Mehinaku também utilizam instrumentos de percussão, como guizos de sementes ou de ferro, usados nos tornozelos.

A mistura ousada da música da tribo com a música dos brancos — o segundo disco — constitui a peça mais provocante do projeto. Dizem os organizadores, "a composição das faixas do álbum *Fusion* partiu da necessidade de representar a diversidade desse universo sonoro. Cantos em grupo misto, mulheres, homens, meninas, e cantos individuais foram ingredientes da receita." "O que estava inicial-

mente arranjado seguiu caminho completamente diferente e muito mais verdadeiro", destaca Sá Brito, como sinal de abertura entre o grupo.

SERVIÇO

MEHINAKU — MESSAGE FROM AMAZON
Lançamento de discos, livro e vídeo sobre a vida da tribo, e ainda abertura de mostra com imagens dos índios Mehinaku. Hoje, às 7h, no Sesc de Vila Mariana, em São Paulo. Supervisão de Kenko Minami, pesquisa e texto de Paulo Pinagé, coordenação e fotografia de Vito D'Alessio e ilustrações de Kamalá Mehinaku